

que podem contaminar nosso ambiente e nossa comida. Cuide também das panelas, que devem estar sempre fechadas!

3 - Pesquise sobre a anatomia do corpo humano, em livros ou revistas, em casa ou na escola. Desenhe, em seu caderno, a forma dos intestinos dentro de nossa barriga, onde muitos parasitas gostam de viver. Escreva, abaixo do desenho, qual a função deste órgão, bem como o nome de algumas verminoses que você aprendeu.

4 - Invente, junto com seus amigos na escola, um jogo de caça-palavras. Por exemplo: sobre as parasitoses.

H	S	K	G	I	A	T	G	A	P	A	R	A	S	I	T	O	S	E	S
M	F	A	I	F	U	S	R	U	I	P	T	S	E	D	A	J	T	K	A
D	N	T	A	E	N	I	A	T	O	R	A	L	R	I	T	O	E	A	M
V	A	W	R	L	T	D	V	Y	L	A	V	M	O	Q	W	A	M	N	P
K	V	Q	D	P	E	Q	O	K	H	C	K	S	T	R	J	B	P	R	J
A	R	G	I	P	A	R	V	A	O	S	D	A	E	V	K	E	L	A	A
C	A	R	A	M	U	J	O	S	S	A	R	E	V	E	R	M	E	S	P
T	L	I	L	A	H	H	Q	A	B	I	M	Y	G	N	Z	A	C	H	T

5 - Os mosquitos são vetores de algumas doenças, como a dengue, a febre amarela e a malária. Vamos tirá-los de nossa convivência? O melhor a fazer é não deixar acumular água em pneus e baldes e tampar as caixas d'água. Não se esqueça dos vasos de plantas. Os que estiverem só com água, troque por terra e verá que as plantas continuarão a crescer bonitas e sem pôr em risco a nossa saúde.

6 - Na história, o médico explica ao Marcelo sobre a doença esquistossomose, a qual atinge muitas crianças em vários países do mundo, entre estes o Brasil, sendo muito comum em grande parte da África. Aqui, a doença ataca os intestinos (forma intestinal) e na África tem também uma forma urinária.

Procure investigar no posto de saúde próximo à sua casa ou escola se esta doença é comum em sua cidade.

Se for, pesquise sobre ela e convide seu professor e colegas para iniciarem uma campanha de informação em sua escola

SEGREDOS QUE CRESCEM

Virgínia Schall

Ilustração - Marcia Ponce de Leon

*A J. Cardias, poeta e pesquisador, pelo texto
"Microbiando por aí", que inspirou esta história.*



Sempre fui de guardar segredos. Minha casa vivia cheia de amigas que vinham cochichar comigo. Às vezes, minha mãe implicava com tanto disse-que-disse às escondidas. E falava:

— Que tanto conversam meninas! Quem cochicha o rabo espicha!

Eu não deixava por menos e respondia:

— E quem escuta, o rabo encurta!

Com tanto segredo guardado, eu acabei inventando um modo de esquecê-los. Os contava baixinho para as bolhas de sabão, que os levava para bem longe, me livrando deles.

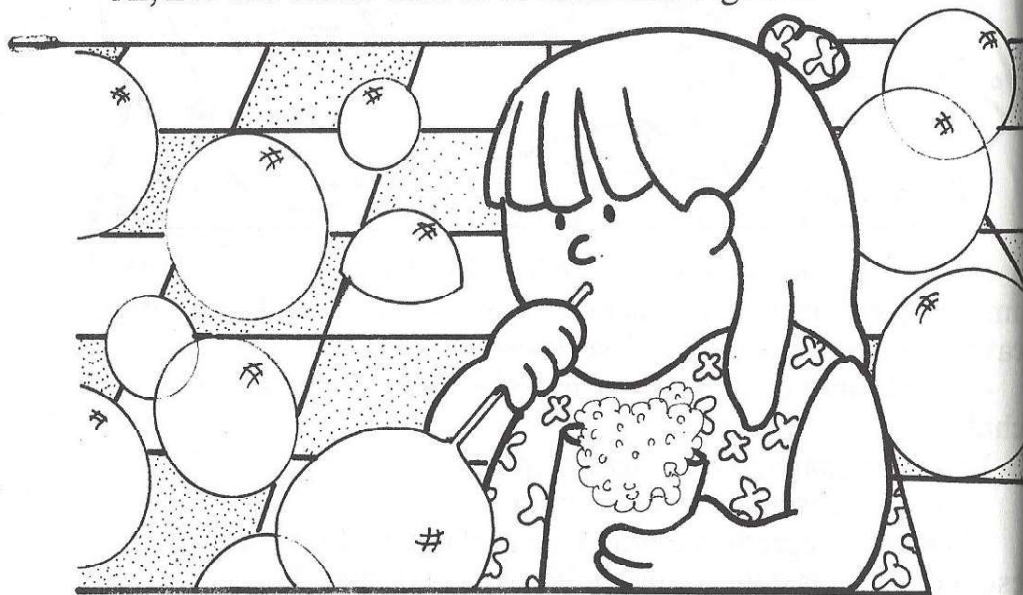
Soprar bolhas de sabão era o meu brinquedo predileto. Aprendi com minha avó. Era fazendo bolhas e mais bolhas que ela me distraía para me fazer comer, quando ainda era bebê.

No meu tempo de criança, em minha pequena cidade, a maioria dos brinquedos a gente inventava.

Bolha de sabão era assim: um copo com água e pedacinhos de sabão misturados até fazer bastante espuma. Depois apanhava no quintal um talo de folha de mamão. Estava pronto o canudo para soprar e me divertir a valer.

O melhor de tudo era ver as bolhas: de todos os tamanhos, lindas, brilhantes, furta-cores, aos montes, subindo, descendo, sumindo no ar ou desfazendo-se em uma gota d'água redonda no chão. Um sonho!

Mas, como toda criança, a gente sempre queria mais emoção. Assim, certa vez, eu e o Lucas, meu primo, subimos no muro que separava a minha casa da do vizinho, para vermos as bolhas voarem mais alto. Como se não bastasse estar lá em cima, o Lucas inventou de soprar correndo sobre o parapeito para fazer uma fila de bolhas. Aí, não deu outra! Caiu lá de cima num segundo.



Eu fiquei apavorada. Desci bem depressa, antes que alguém me pegasse ali e me pusesse toda a culpa. Iam logo dizer que a idéia foi minha, que eu era mais velha, que vivia nas nuvens, inventando moda, essas coisas.

Comecei a gritar, pois vi que o Lucas sangrava na cabeça e parecia desacordado. Quando todo mundo foi chegando, eu já nada conseguia falar de tanto que chorava. Só lembrava do que a minha vó sempre dizia:

— Cuidado, que pancada na cabeça pode deixar a pessoa tan-tan que nem o Duca (um velho caduco que falava sozinho pela cidade e preferia conversar com os postes do que com gente).

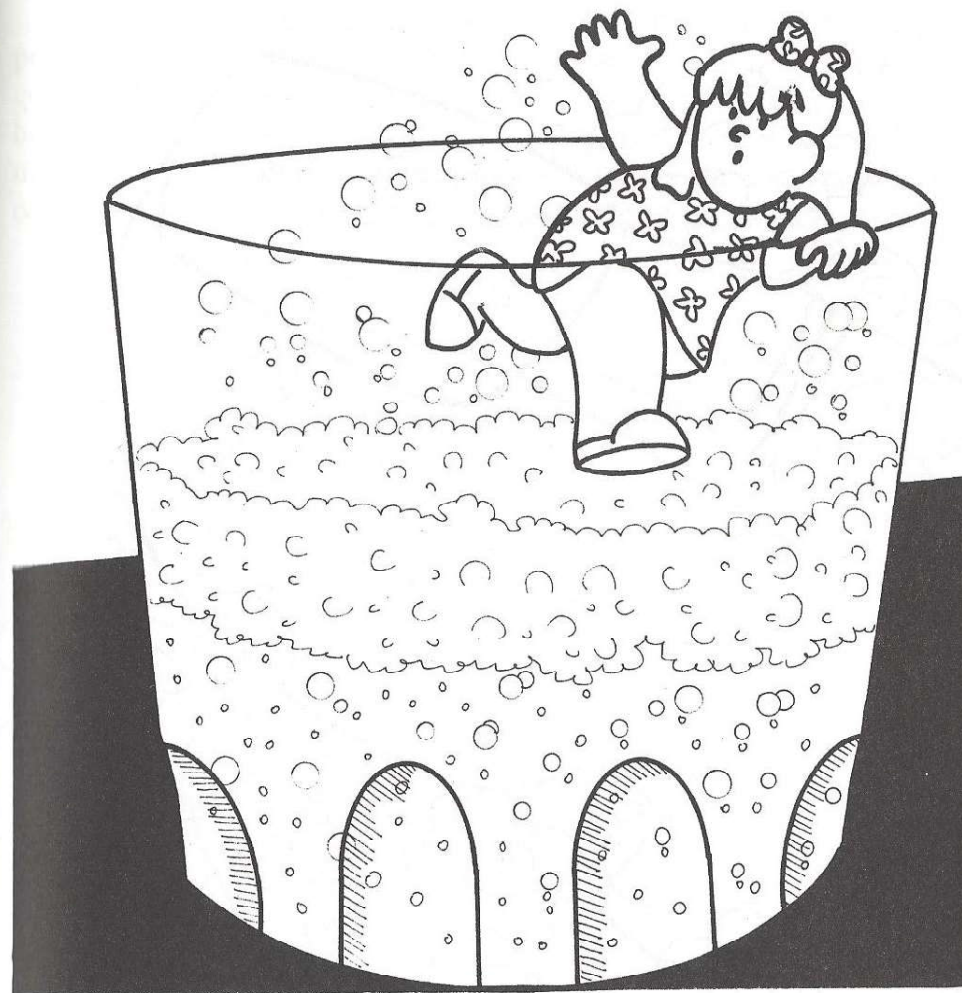
Olha, foi uma correria. Levaram o Lucas para o hospital e me esqueceram ali, sentada na beirada do canteiro da horta, chorando.



O tempo parecia não passar. Comecei a andar de um lado pro outro, ir lá fora na rua toda hora para ver se vinha alguém com notícias do Lucas. Mas nada. A tarde foi escurecendo e eu fui ficando preocupada. Estava nervosa, só queria chorar. Já cansada, peguei o talo de mamão e comecei a desenhar bolhas contra o céu avermelhado, cada uma se colorindo do pôr-do-sol a viajar no fundo azul. Parecia estar ali para sempre, até que não era mais o sol que via refletido nas bolhas. Eu mesma flutuava dentro de uma delas.

Suspensa, fui sendo levada para cima, leve e solta como pluma. Era como se eu fosse apenas meus olhos, nada mais. Eu era uma bolha que via. E quando me aproximava das coisas, era como se pudesse ver com lentes de aumento.

Livre no ar, resolvi ir até ao hospital para descobrir o que se passava com o Lucas. Fui me guiando para lá, ora subindo, ora descendo, ora fazendo curvas enormes, desviando de casas e árvores pelo caminho.

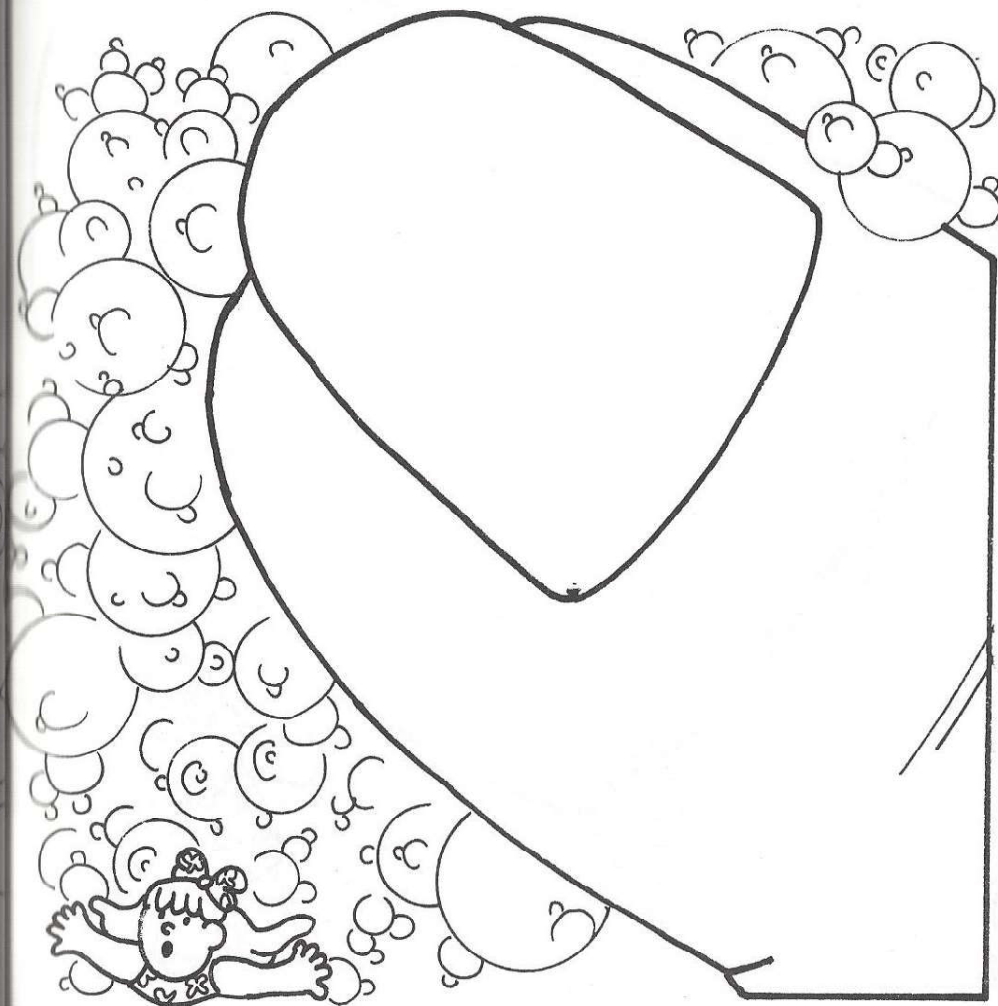


Passando pelo centro da cidade, um vento forte me empurrou dentro da padaria. Acabei caindo num copo de guaraná borbulhante. Custei a escapar de tantas cosquinhas que me fizeram as outras bolhinhas alegres a subir no copo sem parar. Elas não queriam me soltar:

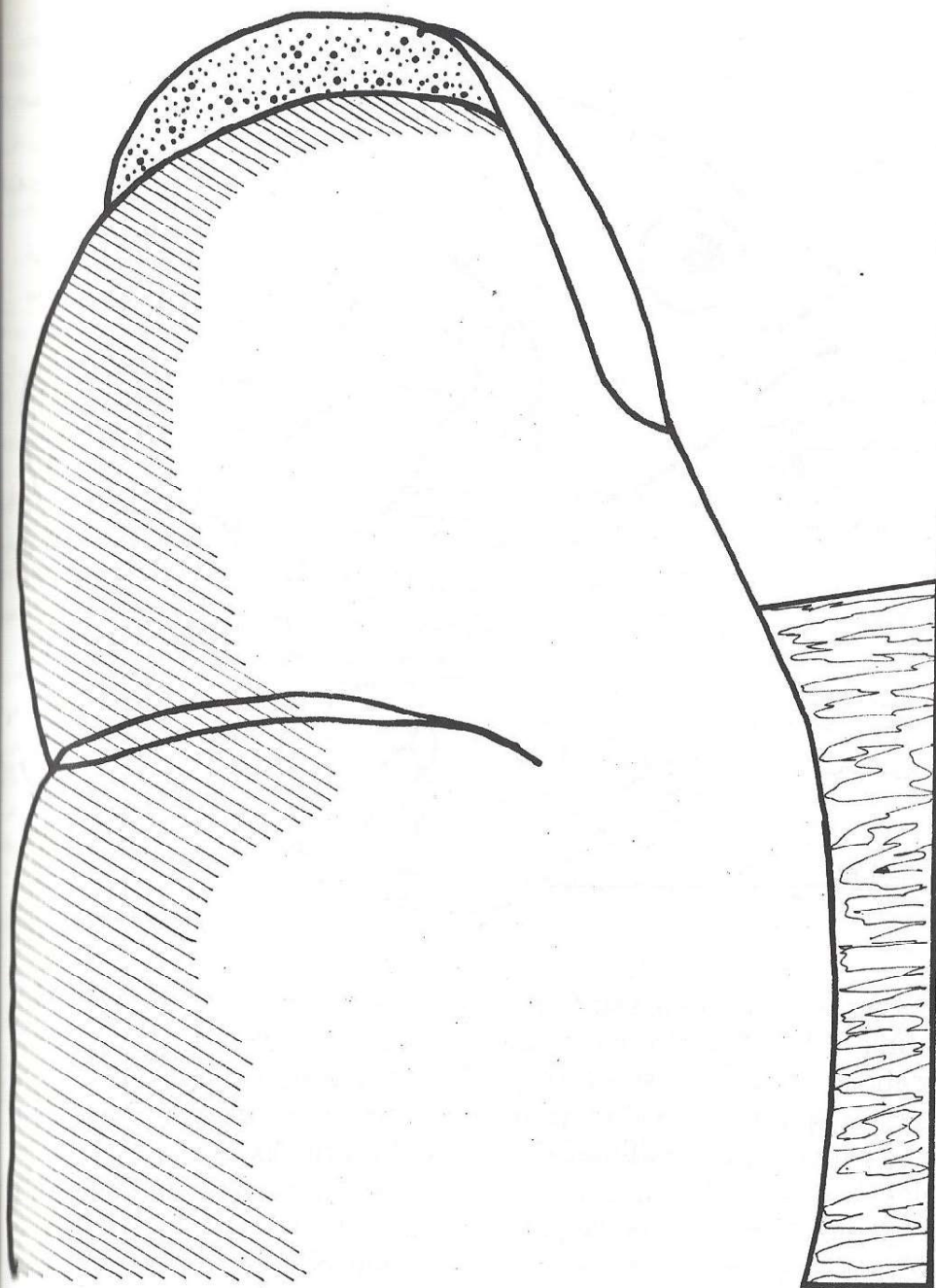
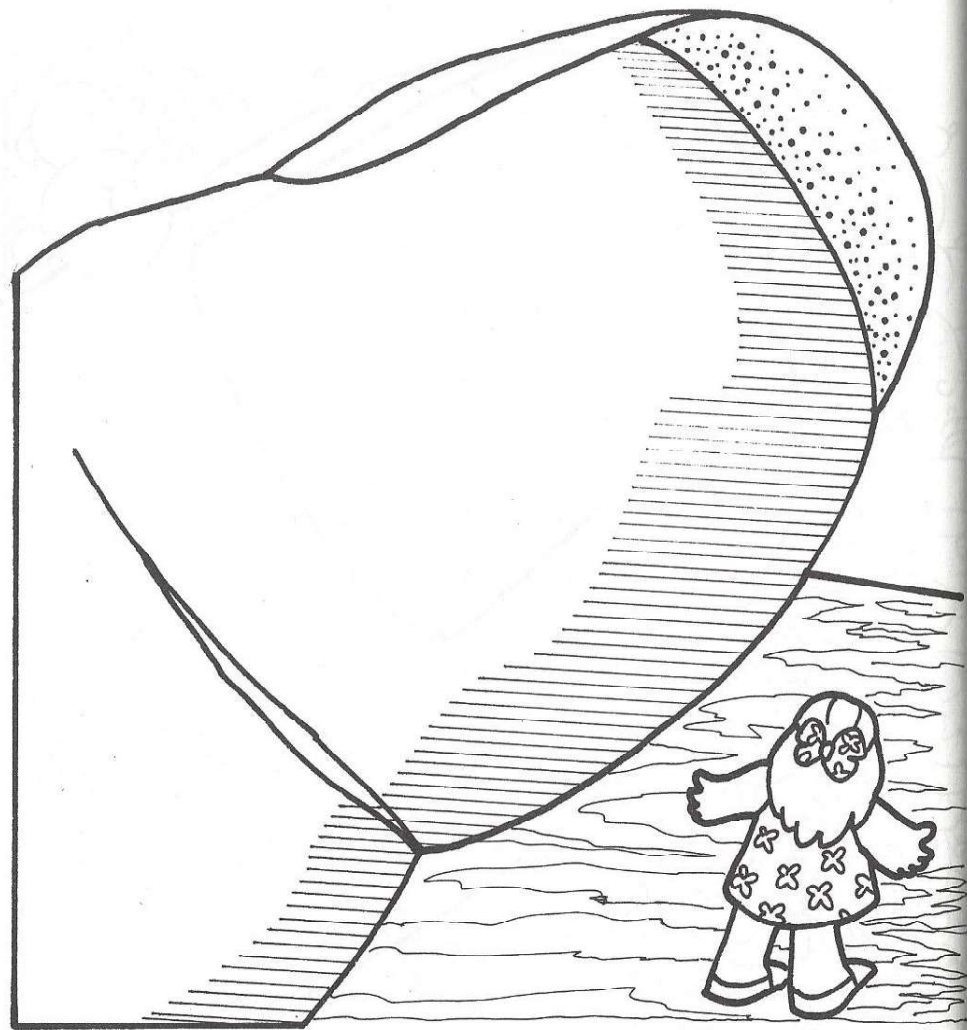
— Ai, ui! Me larga. Sai pra lá, eu hein!
Foi difícil sair.

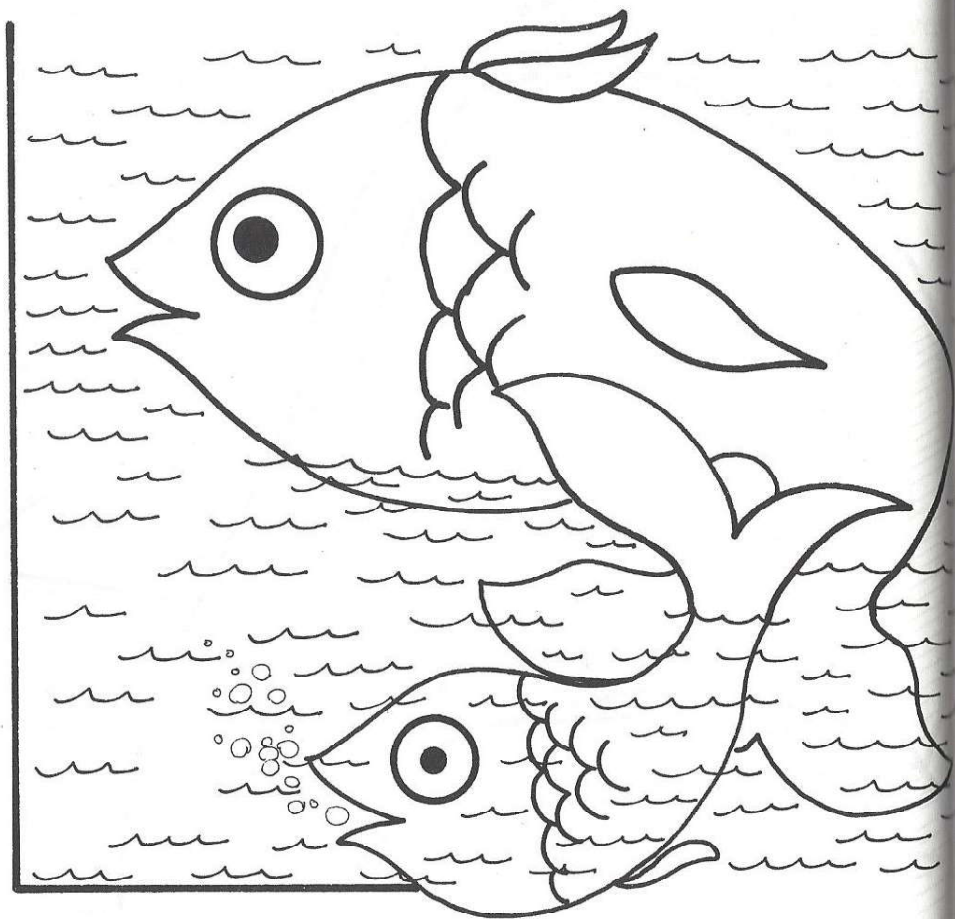


Quando já me sentia livre outra vez, fui novamente capturada pela mão do padeiro para dentro da massa de pão e assisti a uma cena incrível. Dentro do pão havia uma verdadeira fábrica de bolhas. Elas iam sendo criadas aos milhares por minúsculas bolhinhas. De umas brotavam outras que se separavam, e outras e mais outras iam brotando. Desse jeito, a massa crescia, crescia, feito os

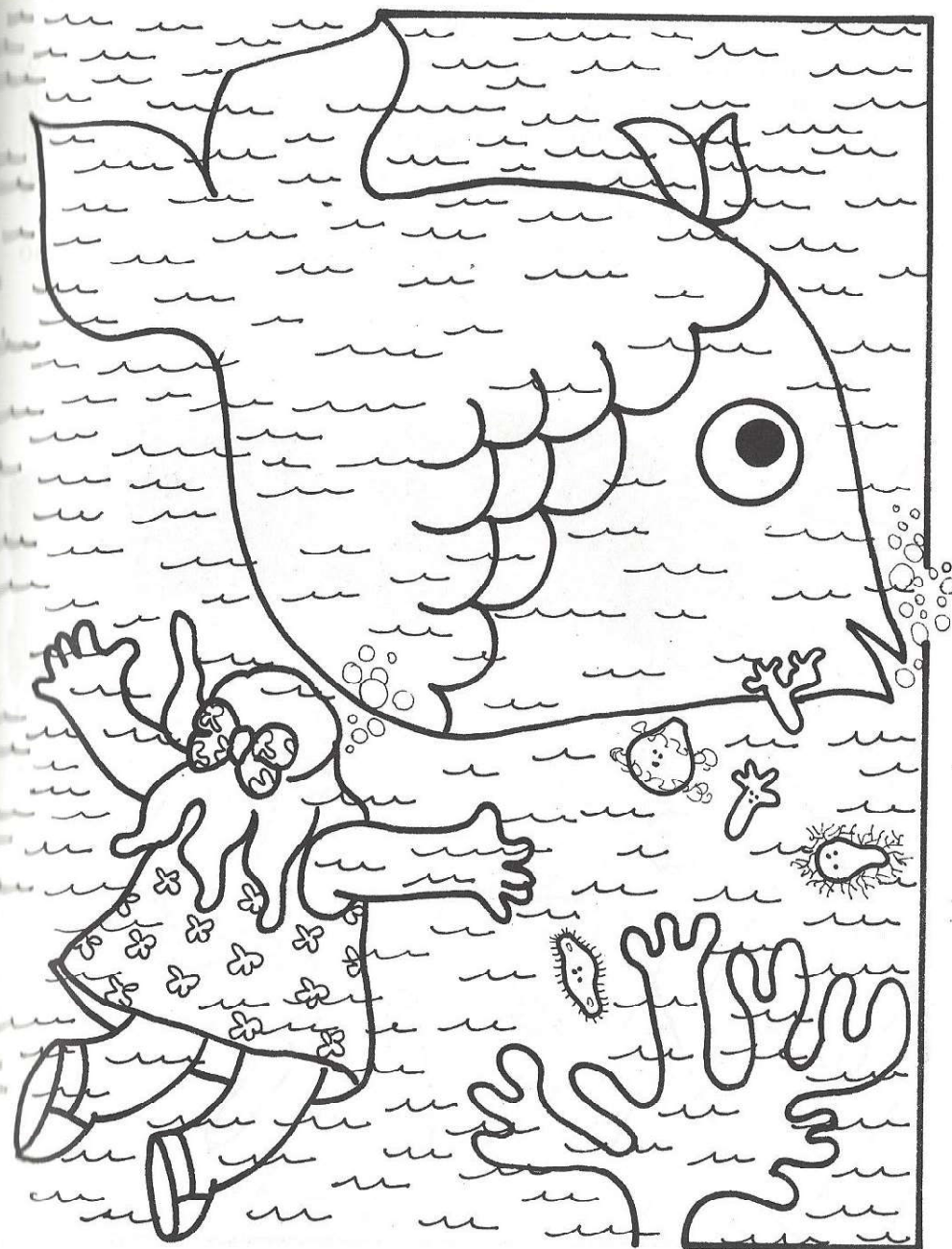


panetones de Natal da minha vó. Que mágico! Fiquei tão deslumbrada que escapei do forno quente por pouco. Só não gostei de ver a bicharada esquisita debaixo da unha (meio grande) do padeiro. Me deu até enjôo ver aquilo. Será que ele não lavava bem a mão para fazer o pão? Ai que nojo!





Logo que consegui sair da padaria, fui soprada de novo pelo vento e uma folha, também soprada que nem eu, se misturou comigo e acabou por me jogar sobre a superfície do ribeirão. A água, de perto, era um mundo novo para mim. Os peixes pareciam gigantes. E eu me vi misturada a milhões de outras criaturinhas, algumas disformes, outras lindas, multiplicando-se sem parar. Umas pareciam pequenos barris cheios de pelinhos que batiam como nadadeiras e os faziam nadar. Outras eram como minúsculos galinhos verdes de plantas.



Com muito custo, subi de novo para o ar e continuei o meu caminho. Já estava na rua do hospital quando:

— Uiiii! Fui engolida por uma menina que bocejava com sono. Nossa! Sua boca era uma enorme caverna molhada, cheia de bolhinhas de saliva e inúmeros bichinhos agitados. Que espanto! Tive sorte de ser logo lançada para fora outra vez, junto com o espirro que a menina deu.

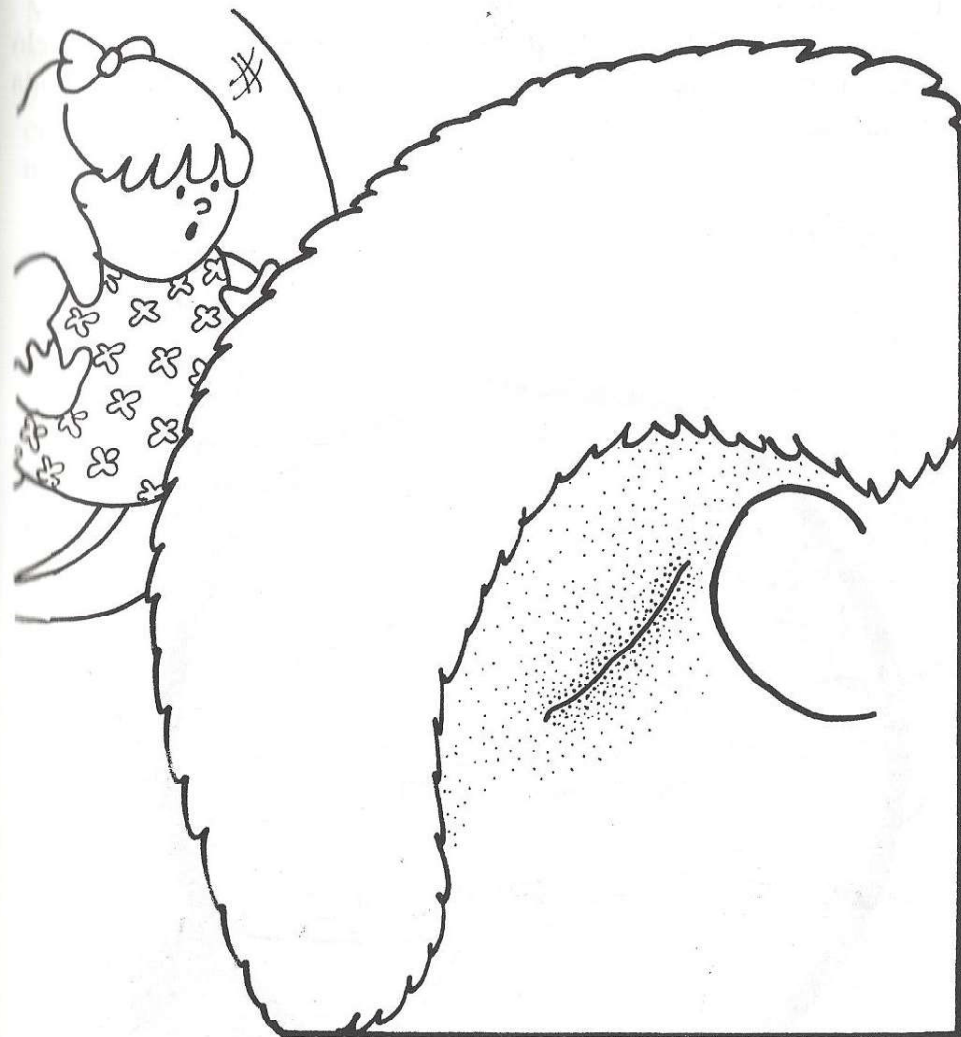
Ufa! Estava sendo uma viagem perigosa este passeio até ao hospital.



Depois de tantas aventuras, finalmente consegui descobrir onde estava o Lucas. Os médicos preparavam o material para dar pontos no corte da sua cabeça. Coitadinho! Ele estava tão feio com a cabeça raspada atrás da orelha esquerda. Fiquei superfeliz ao ver que ele conversava direito. Ai que alívio! Eu estava com o maior medão de que ele ficasse lé-lé feito o Duca.



Quando me aproximei da ferida, minha visão com lente de aumento me deixou preocupada. Alguns bichinhos minúsculos se amontoavam ali. Se eu pudesse avisar alguém sobre isso. Mas assim, dentro da bolha, ninguém podia nem imaginar a minha presença ou me escutar. Porém, minha preocupação durou pouco.



Mesmo sem ver os bichinhos, os médicos certamente sabiam que eles estavam ali. E começaram a lavar a ferida com uma água chamada soro fisiológico. Pude ler isso na garrafa. Puxa não deu outra! Os bichinhos foram caindo às cambalhotas na bacia. O remédio avermelhado acabou com outros mil. Que cena! Como era importante lavar e passar aquele remédio. O Lucas reclamava, às vezes, xingava o médico, batia na cama. Mas, eu bem que percebi como aquela limpeza valia a pena. O corte foi ficando limpinho.

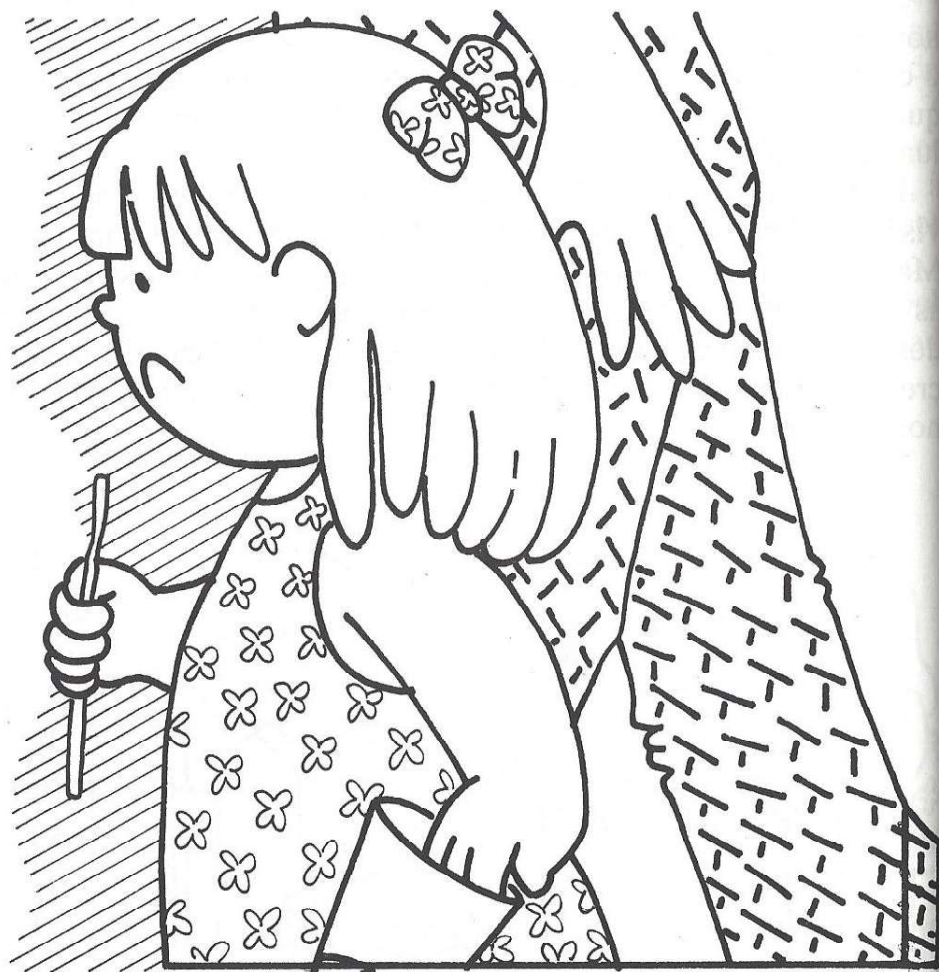
Depois de assistir a tudo ali no hospital, me misturei ao cabelo do Lucas e voltei junto com todos para a casa. Estava tão cansada que adormeci e não vi mais nada.



Acordei com a mamãe me chamando. Ela me encontrou deitada no passeio que contorna a horta. O copo de água e sabão tombado, o canudo de talo de mamão caído entre os pés de alface. Percebi que estivera dormindo por muito tempo. A noite já havia trazido a lua para o céu.

Esfreguei os olhos, olhei à minha volta. Havia perdido aquela visão de aumento. Desconfiei que estivera sonhando o tempo todo. Mas, na minha memória, tudo estava guardado. Agora sabia que, às escondidas, milhares de vidas minúsculas cresciam feito segredos que deixam pistas. Seja formando bolhas, fazendo massas crescerem ou provocando inchações, espirros, coceiras, etc., em nosso corpo.





Quis voltar a soprar outras bolhas para me distrair, depois de tanta confusão. Não foi possível. Minha mãe veio logo cortando o meu barato:

— Ana Cristina, entra agora! Quero saber direitinho o que a senhorita estava aprontando em cima do muro com o Lucas. Anda, vem logo, precisamos ter uma conversinha!

Com certeza ainda ia sobrar para mim. Como foi, depois eu conto.

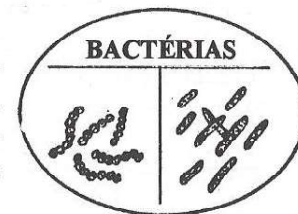
TRABALHANDO A NOSSA HISTÓRIA

Virgínia Schall/J. Cardias



Através da história que você acabou de ler, foi possível perceber que existem diferentes microorganismos invisíveis, vivendo no ambiente ou em nosso corpo.

Alguns desses microorganismos beneficiam o homem e outros o ameaçam, podendo causar doenças. Tais doenças aparecem associadas a determinadas condições do ambiente e do nosso corpo.



Atividade 1

Uma das doenças mais comuns causadas por bactérias são as diarreias. Pode ser de grande valor para a sua comunidade fazer e divulgar uma pesquisa, entre as mães da localidade e nos postos de saúde, sobre os casos recentes de diarreia.

Analisar e discutir os resultados obtidos, respondendo às perguntas:

- É grande o número de pessoas com diarreia. De que idade?
- Há relação do número de doentes com a origem da água usada na casa?
- O destino das fezes e o do lixo também pode ter aumentado a contaminação do solo e da água?
- Você acha que o modo como as pessoas limpam suas casas, preparam seus alimentos, tratam a sua água e cuidam das crianças tem relação com o aparecimento das diarreias?

Atividade 2

1) Construa um cartaz com as medidas que devem ser tomadas para prevenir e cuidar das diarreias.

Atividade 3

*Pão, pão, queijo, queijo!
Se descobrir como cresço,
te dou um beijo!*

A turma terá previamente a tarefa de entrevistar um padeiro, nas redondezas da escola, obtendo entre outras informações que atendam a sua curiosidade, uma receita simples de pão de sal.

De posse desta receita e de seus ingredientes (usando fermento biológico),



preparar duas porções de massa. Uma utilizando o fermento e a outra não.

Criar as seguintes circunstâncias para a observação e discussão:

1- De cada massa, retirar um punhadinho de modo a fazer duas bolinhas. Colocá-las no interior de um copo transparente contendo água, marcando adequadamente a posição de cada uma das bolinhas, segundo a massa de origem e evitando que se toquem.

Qual a bolinha que subiu?
Subiu por quê?

2 - Retirar punhados equivalentes em peso, das duas massas e comprimi-los no fundo de dois copos transparentes. Marcar, com caneta hidrográfica, a posição original das massas nos copos (atingindo cerca de metade da área de cada copo).

Dirigir observações seriadas. Discutir. Observar na massa com fermento a formação de bolhas.

Ah! No momento apropriado assar as massas. Depois deliciar-se. Logicamente, da massa sem fermento se prepara quantidade bem discreta.

E eu? Descobri como a massa cresce. Quem me dá um beijo?

FILBER, O VIAJANTE

Maria Teresa Roballo Vasques

Ilustração - Vera Lustosa

Consultoria: **Dr. Cláudio Tadeu Daniel Ribeiro**
Doutor em Imunologia (Instituto Pasteur – Paris)
Diretor do Instituto Oswaldo Cruz,
Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro